

Relações de gêneros e sexualidades na formação de docentes que ensinarão matemática: as memórias do tempo escolar e a necessidade da desinvisibilização dos sujeitos

Jónata Ferreira de Moura

Universidade Federal do Maranhão,
UFMA, Brasil

E-mail: jf.moura@ufma.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7733-5568>

John Jamerson da Silva Brito

Universidade Federal de Juiz de Fora,
UFJF, MG, Brasil

E-mail: jamersonbritobr@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0502-5122>

Recebido em: 29/04/2025

Aprovado em: 01/09/2025

Jónata Ferreira de Moura
John Jamerson da Silva Brito

Resumo

Objetiva-se problematizar o processo escolar de invisibilização causado pela cis-heteronormatividade em corpos dissidentes e entender o modo como ele pode comprometer a aprendizagem em matemática e impactar a formação de futuros(as) docentes que a ensinarão. Por considerar a narrativa um texto vivo e carregado de sentimentos polissêmicos, os dados foram produzidos a partir de narrativas autobiográficas de quatro estudantes de um curso de Pedagogia de uma universidade federal do Nordeste brasileiro, que, ao produzirem seus memoriais de formação durante a disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino da Matemática, rememoraram suas aprendizagens com a matemática escolar. A pesquisa é do tipo biográfico-narrativa e a análise parte da perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana. Transita entre os estranhamentos e as subjetivações das sexualidades, estabelecendo um diálogo com a literatura que versa sobre uma educação questionadora do porquê de as coisas serem como estão sendo, visando contribuir com reflexões nas/pelas encruzilhadas das Educações Matemáticas para uma possível diminuição de injustiças e para um combate à LGBTfobia. As narrativas autobiográficas revelaram que ser diferente não é bom e que há preconceito disfarçado de piadas e comentários proferidos por alguns(mas) docentes para com discentes. Há também um sentimento constante de inadequação por parte de estudantes desrespeitados(as) à medida que avançavam nos anos escolares. Com isso, percebe-se no espaço escolar uma pedagogia da sexualidade que legitima determinadas identidades e reprime e marginaliza outras que não pertencem ao padrão cis-heteronormativo, alimentando uma “pedagogia do insulto” e uma “pedagogia do armário” enquanto invisibiliza as pessoas e as temáticas no espaço escolar.

Palavras-chave: Pedagogia do insulto. Educação matemática. Narrativas.



Abstract

Gender and sexuality relations in the education of mathematics teachers: memories of school days and the need to de-invisibilize subjects

The aim is to problematize the invisibility caused by cis-heteronormativity in non-conforming bodies in schools. This invisibility can compromise mathematics learning and affect the education of future teachers. Narratives are seen as living texts charged with polysemic feelings, so the data come from the autobiographical narratives of four Pedagogy students at a federal university in Northeastern Brazil. While writing reports during the course "Fundamentals and Methodology of Mathematics Teaching", these students recalled their experiences learning mathematics in school. This research is biographical-narrative, and analysis draws from a Bakhtinian enunciative-discursive perspective. The study navigates the strangeness and subjectivities of sexuality. It discusses educational literature that questions why things are as they are. The goal is to reflect on various types of Mathematics Education to reduce injustices and combat LGBTphobia. The autobiographical narratives reveal that being different is often perceived as negative and that prejudice in the form of jokes and teachers' comments toward students. Students who are disrespected experience a constant feeling of inadequacy throughout their schooling. There is a pedagogy of sexuality in schools that legitimizes some identities and represses others that do not fit the cis-heteronormative standard. This dynamic fuels a "pedagogy of insult" and a "pedagogy of the closet," making people and issues invisible in the school environment..

Keywords:

Pedagogy of insult.
Mathematics education.
Narratives.

Resumen

Relaciones de género y sexualidad en la formación de docentes que enseñarán matemáticas: memorias del tiempo escolar y la necesidad de invisibilizar a los sujetos

El objetivo de este artículo es problematizar el proceso escolar de invisibilización causado por la cisheteronormatividad en cuerpos disidentes y cómo este puede comprometer el aprendizaje de las matemáticas e impactar en la formación de futuros docentes que las impartirán. Considerando la narrativa como un texto vivo y cargado de sentimientos polisémicos, los datos se produjeron a partir de narrativas autobiográficas de cuatro estudiantes de Pedagogía en una universidad federal del nordeste brasileño, quienes rememoraron su aprendizaje con las matemáticas escolares durante la asignatura Fundamentos y Metodología de la Enseñanza de las Matemáticas, a través de la producción de sus memoriales de formación. La investigación es de tipo biográfico-narrativo y el análisis, desde la perspectiva enunciativo-discursiva bajtiniana, se mueve entre los procesos de extrañamiento y subjetivación de la sexualidad, estableciendo un diálogo con la literatura que aborda una educación que cuestiona el porqué de las cosas, con el propósito de contribuir a reflexiones en/a través de la encrucijada de la Educación Matemática para una posible reducción de las injusticias y el combate a la LGBTfobia. Las narrativas autobiográficas revelaron que ser diferente no es bueno, y también que existen prejuicios disfrazados de bromas y comentarios de algunos docentes hacia el alumnado. Asimismo, existe una constante sensación de inadecuación por parte del alumnado irrespetado a medida que avanza en la escuela. Como resultado, observamos en el entorno escolar una pedagogía de la sexualidad que legitima ciertas identidades, reprime y margina a otras que no pertenecen al estándar cisheteronormativo, alimentando una "pedagogía del insulto" y una "pedagogía del armario", invisibilizando a personas y temas en el entorno escolar.

Palabras clave:

Pedagogía del insulto.
Educación matemáticas.
Narrativas.

Iniciando nossa conversa

A Educação Matemática, nos últimos anos, tem sido objeto de análise por parte de vários(as) pesquisadores(as) do campo dos estudos de gêneros e sexualidades (Esquincalha, 2022; Guse; Esquincalha, 2022; Silva; Esquincalha, 2025). Pesquisas são realizadas para problematizar, analisar e questionar a maneira como o componente curricular Matemática e a área de conhecimento Matemática produzem relações assimétricas de gêneros e sexualidades mediante construções binárias e hierárquicas que representam um modo de existência pautado em uma predominância heterossexual, masculina e cisnormativa. Desse modo, este artigo¹ trata da invisibilização causada no espaço escolar pela cis-heteronormatividade em corpos dissidentes e de sua possibilidade de comprometimento na aprendizagem no referido componente curricular, impactando na formação de futuros(as) docentes que o ensinarão. Sendo assim, tomamos as trajetórias escolares como espaços e processos que possibilitam a problematização e a visibilização de experiências dissidentes e subjetivas para reflexões acerca dessas subalternizações na Educação Matemática. Dessa forma, o objetivo deste artigo é problematizar o processo escolar de invisibilização causado pela cis-heteronormatividade em corpos dissidentes e entender o modo como ele pode comprometer a aprendizagem em matemática e impactar a formação de futuros(as) docentes que a ensinarão.

Nas páginas que seguem, apresentamos a metodologia da pesquisa. Depois, realizamos uma breve discussão sobre as narrativas e as relações de gêneros e sexualidades no ensino do componente curricular Matemática. Em seguida, problematizamos as narrativas escritas dos(as) estudantes participantes desta investigação. Por fim, fazemos algumas reflexões (in)conclusivas.

Dispositivos metodológicos da pesquisa

Por considerar a narrativa um texto vivo e carregado de sentimentos polissêmicos, esta investigação é do tipo biográfico-narrativa e, como todas desse tipo, tem como intuito a exploração de “processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, [tem o objetivo] de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (Delory-Momberger, 2012, p. 524). A narrativa é, portanto, um dispositivo potente para a construção e a problematização de experiências e processos de devir dos sujeitos.

¹ Este texto apresenta algumas análises provenientes do projeto de pesquisa Histórias de vida, formação e práticas de professores que ensinam matemática na educação básica maranhense, sediado no grupo de pesquisa Histórias de Formação de Professores que Ensinam Matemática (Hifopem) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), coordenado pelo primeiro autor deste artigo.

A maioria dos(as) pesquisadores(as) que realizam investigações nessa perspectiva tem afirmado – assim como Bolívar e Domingo (2019) e Bolívar, Domingo e Fernández (2001) – que essa maneira de fazer pesquisa se constitui um enfoque próprio e entende os fenômenos sociais, em especial a Educação, como textos em que os significados e sentidos são fruto da narrativa do sujeito singular-plural. Bolívar e Domingo (2019) e Bolívar, Domingo e Fernández (2001) chamam essa abordagem de enfoque biográfico-narrativo; assim, “pensando em uma hermenêutica narrativa, eles se sustentam em Max van Manen para defender não uma nova metodologia, mas uma maneira própria de fazer pesquisa humanizada, expressa pelas narrativas e pelas biografias” (Moura, 2023b, p. 3), como modo de constituir-se a si e ao mundo.

O desenrolar deste artigo gira em torno das narrativas de quatro estudantes de um curso de Pedagogia de uma universidade federal do Nordeste brasileiro, produzidas em memoriais de formação sobre um tema específico: a rememoração de suas aprendizagens com a matemática escolar durante a disciplina acadêmica Fundamentos e Metodologia do Ensino da Matemática, ministrada pelo primeiro autor deste texto. Acreditamos, embasados em Ferrarotti (2010), que usar as narrativas em pesquisas em Educação e Educação Matemática contempla uma dupla exigência: uma renovação metodológica e uma ciência das mediações. Além disso, essa ferramenta pode garantir a mediação entre uma história individual e a história social, pois toda “a vida humana se revela até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social” (Ferrarotti, 2010, p. 44).

Os memoriais de formação são os dispositivos de produção de dados. São considerados um gênero textual inscrito no conjunto de trabalhos das Ciências Sociais e Humanas que indica as histórias de vida como objeto de investigação de muitas áreas a partir dos anos 1970 (Prado; Soligo, 2007). Em nosso caso, eles são fontes potentes de testemunhos dos(as) estudantes participantes desta pesquisa, inseridos(as) em situações em que pensam, falam e escrevem sobre suas experiências durante a realização de seu curso acadêmico.

Segundo Prado e Soligo (2007), o memorial de formação é um gênero textual, circunstanciado e analítico, que comporta os discursos descritivo, argumentativo e, sobretudo, narrativo; trata da formação do sujeito narrador em determinado período ou de um tema específico. Tais dispositivos podem proporcionar não somente a partilha de experiências singulares, mas também a ressignificação delas bem como a constituição e visibilização de outros processos sociais, que dizem da inserção desses sujeitos em determinada sociedade, cultura ou temática.

Os memoriais utilizados são de quatro estudantes: três homens e uma mulher. Ela e eles são de turmas distintas do curso de Pedagogia e não estudaram juntos. A estudante cursou a disciplina

Fundamentos e Metodologia de Ensino da Matemática no primeiro semestre de 2016 e tinha 19 anos de idade, denominamo-la M; o segundo estudante, H1, cursou a disciplina no segundo semestre de 2017 e tinha 22 anos; o terceiro estudante, H2, no primeiro semestre de 2019 e tinha 20 anos; já o quarto estudante, H3, cursou a disciplina no segundo semestre de 2022 e tinha 19 anos. Nesse conjunto de narrativas, encontramos alguns marcadores de gêneros e sexualidades, o que nos inquietou e nos deixou bastante intrigados para entender suas relações com as questões que citamos.

Selecionamos trechos dos memoriais de formação escritos na disciplina. Buscamos partes que apresentavam determinados momentos, situações, experiências e descrições que relacionassem os processos de gêneros e sexualidades com o desenvolvimento das aprendizagens matemáticas nas trajetórias escolares dos estudantes, com o intuito de analisar esses excertos.

A análise das narrativas foi realizada pela perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana. A origem dessa abordagem está na teoria dialógica do discurso de Bakhtin (2011), que entende o enunciado como unidade da comunicação discursiva. O enunciado é único e impassível de isolamento, é mediado por fatores de naturezas distintas e observável apenas a partir da esfera social que o envolve. Assim, a forma, o conteúdo e o teor do enunciado podem variar a depender do(a) interlocutor(a), e sua regulação se dá a partir dos gêneros discursivos, os quais são “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (Bakhtin, 2011, p. 262).

Esse tipo de análise leva em consideração não somente o dito dos enunciados, mas também o lócus de produção e os sujeitos que os produzem. Esses aspectos, de alguma maneira, impactam e produzem diferentes discursos e formas do enunciado – além de influírem neles – e são objetos de nossas análises. Em nosso trabalho, o lócus foi o curso de Pedagogia, as narrativas foram produzidas em uma disciplina e os interlocutores eram estudantes do referido curso.

Desse modo, analisar os gêneros discursivos é entender o texto como atividade humana dos sujeitos. No caso desta pesquisa, são usados os gêneros escritos, que, na perspectiva bakhtiniana, têm a

intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante *quer dizer*, e com essa idéia [*sic*] verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado (Bakhtin, 2011, p. 281).

A análise das narrativas na perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana leva-nos a entender a produção enunciativa e as estratégias inerentes a esse processo, considerando a esfera social, o contexto imediato e a conjuntura mais ampla, “que marcam a heterogeneidade dos sujeitos, os lugares e as posições sociais historicamente construídos e que atuam sobre as relações estabelecidas na interação dialógica, determinando as condições de produção verbal” (Santana; Santos, 2017, p. 177). Com isso, as análises, apesar de levarem em consideração todos esses processos dos sujeitos, também

são afetadas por nossas experiências como pesquisadores e pelo modo como olhamos e problematizamos esses dados narrativos. Será isso que mostraremos na penúltima seção deste artigo.

Esse processo permite que, inicialmente, acessemos algumas das experiências singulares dos(as) estudantes por meio de seus memoriais de formação e, em um segundo momento, analisemos os contextos em que foram produzidos, os objetivos construídos e quem os produziu. Assim, de maneira singular-plural, poderemos questionar e problematizar as constituições e os processos excludentes que a Educação Matemática pode provocar ou ter provocado.

Em síntese, a análise, na perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana, transita entre os estranhamentos e as subjetivações de gêneros e sexualidades. Assim, estabelece um diálogo com a literatura que versa sobre uma Educação que questiona por que as coisas são e como estão sendo, com a finalidade de contribuir com reflexões nas/pelas encruzilhadas das Educações Matemáticas para uma possível diminuição de injustiças e para o combate à LGBTfobia.

Discussões sobre narrativas e as relações de gêneros e sexualidades com a Educação Matemática

As narrativas são formas elementares de comunicação humana ou, no dizer de Benjamin (1994), formas artesanais de comunicação. Por seu intermédio, as pessoas contam suas histórias, lembram-se de suas experiências, encontram possíveis explicações para elas. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 91), “contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal”.

Esta pesquisa toma as narrativas como dispositivos ímpares para a formação docente. O ato de narrar produz o mundo, os outros, a própria realidade e o próprio sujeito que narra, permitindo que os(as) narradores(as) construam e deem sentidos para suas histórias de vida e, ao mesmo tempo, realizem um movimento auto(trans)formativo (Passeggi, 2021).

A narrativa é um processo que

realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade significante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência; dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo, polissêmico (Delory-Momberger, 2006, p. 363).

Dessa maneira, é ela

que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: *nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida* (Delory-Momberger, 2006, p. 363).

Por isso, são importantes as múltiplas maneiras de registrar os escritos que fazem a narrativa da vida, uma vez que é ela que possibilita a pesquisadores(as) que a utilizam em suas pesquisas terem acesso ao modo como as pessoas de um espaço-tempo, de uma cultura, de um grupo social biografam

sua vida. Isso reforça o que diz Delory-Momberger (2014, p. 35): “a narrativa apresenta-se como a *linguagem* do fato biográfico primordial, como *discurso* no qual escrevemos nossa vida [...], como o operador da *tessitura da intriga*, mediante a qual fazemos de nossa vida uma história”.

A perspectiva anterior assume significativa importância no campo educacional, em especial na formação docente. Como argumentam Clandinin e Connelly (2011, p. 89), “a narrativa está situada em uma matriz de investigação qualitativa que está baseada na experiência vivida e nas qualidades da vida e da educação”. Ao narrarem suas experiências no memorial de formação, os estudantes contam suas trajetórias escolares e vivências, neste caso, durante a disciplina Fundamentos e Metodologia de Ensino da Matemática, gerando um produto de natureza autobiográfica.

Nesse sentido, entendemos que o uso dos memoriais de formação nos possibilita conhecer, problematizar e analisar as experiências de vida no que concerne aos processos formativos dos(as) estudantes com destaque para as relações de gêneros e sexualidades e a Educação Matemática e suas trajetórias educativas na educação básica. Muitos(as) podem nos questionar: mas o que têm a ver essas duas áreas de conhecimento? Quais são as aproximações e relações entre elas? Para iniciarmos nosso argumento, acionamos Silva e Esquincalha (2025, p. 651), que denunciam:

Outrossim, em diversos momentos nos deparamos com situações que sugerem a Matemática como um local de discriminação: seja a pouca representatividade do corpo docente em termos de gêneros e sexualidades; a utilização dos conhecimentos desta área em contextos que reiteram as desigualdades; a influência da bagagem cultural dos professores que ensinam Matemática nas salas de aula; a alocação falsa dos saberes matemáticos acadêmicos como superiores aos produzidos pelos diversos grupos culturais, bem como dos conhecimentos de outras áreas; assim como uma designação generificada em quem poderia ser, produzir, ensinar e aprender Matemática.

O campo de conhecimento da Matemática, como afirmam os autores que viemos de citar, ao longo dos anos se consolidou como um espaço generificado e binário, tornando preponderante e superior – e tomando-a dessa forma – a presença masculina, heterossexual e cisgênera, pois “a normatividade dos gêneros está estreitamente articulada à manutenção da heterossexualidade” (Louro, 2018, p. 90). Isso gera o que muitos autores vão denominar de heteronormatividade.

Segundo Miskolci (2017, p. 15), “a heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual [...] [, de modo] que adote o modelo de heterossexualidade em sua vida”. Assim, roupas, gestos, falas, relacionamentos, convivências sociais, entre outros elementos da vida, seriam pautados nessas relações normativas, mediante processos binários de construção social dos gêneros. Esses processos são as dicotomias masculino-feminino, macho-fêmea, menino-menina, homem-mulher (Louro, 2018). Essa binariedade toma forma nas existências e em todos os âmbitos sociais, reverberando nos modos como as pessoas se constituem.

Entretanto, para nosso texto, ampliamos tal perspectiva, entendendo a existência de novas e outras discussões acerca das normatividades, no que tange, por exemplo, às pessoas trans*. Sendo assim, colocamos uma lupa no conceito de cis-heteronormatividade, discutido por Vergueiro (2016), que não estabelece uma conceituação fechada, mas propõe uma problematização sobre o entendimento da heteronormatividade – afirma que ele não leva em consideração os processos de colamento de corpo-gênero-sexo, que normatizam e criam uma expectativa do modo como devem ser as pessoas, como devem se comportar e como devem produzir suas formas de sexualidades, alinhadas a esses processos binários.

Compreendemos que,

na linha coerente entre “sexo”, “gênero”, “desejo” e “práticas sexuais”, portanto, a cisgeneridade se localizaria nas relações e diálogos entre os dois primeiros pontos desta linha (englobando, via cisnormatizações, possibilidades definitórias restritas para corpos e identificações, bem como regulações sobre expressões de gênero) (Vergueiro, 2016, p. 57).

Com isso, são produzidos “os processos de generificação das pessoas [...] enfatizando-se a distinção entre estas duas esferas (sem que as consideremos estanques, entretanto, porém interseccionadas) como uma potencial problematização do termo ‘hetero’” (Vergueiro, 2016, p. 57). Desse modo, pensam-se “tanto as normatividades de desejos e práticas sexuais quanto [...] as regulações do sistema sexo-gênero: cisheteronormatividades, talvez?” (p. 57).

Nessa exegese, entendemos a cis-heteronormatividade como uma estratégia e dispositivo que age sobre os corpos e, portanto, reverbera também nas relações da Educação Matemática, produzindo padrões do modo como se espera que sejam professores(as), alunos(as) e conteúdos. Silva, Taveira e Esquincalha (2024) realizaram um levantamento bibliográfico a partir dos anais das três primeiras edições do Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (Enemi), no intuito de analisar a maneira como as discussões de gêneros e sexualidades são tratadas nesse campo do conhecimento.

Os autores identificaram que os Estudos de Gêneros são “um campo com muitas produções, mas, dentro da Educação Matemática, pouco se discute a partir desse viés” e, quando isso ocorre, “há poucas pesquisas que trabalham com as questões de gênero fugindo do binarismo cisgênero e, quando se trata de sexualidades, isso é ainda mais aparente” (Silva; Taveira; Esquincalha, 2024, p. 6). Sendo assim, o que vêm se configurando no campo da Educação Matemática são trabalhos e pesquisas que problematizem somente a partir das binariedades e sobre a cis-heteronormatividade – por vezes, consideram-se esses estudos como inferiores e não necessários.

Ao pensarmos sobre isso, entendemos que os sujeitos dissidentes – ou seja, pessoas postas e categorizadas como subalternas, que desviam das normas sociais impostas pela cis-heteronormatividade – não têm vez; as vozes no campo da Matemática não são escutadas. E, por vezes, isso reverbera inclusive na ausência de mulheres diante da ministração dessa disciplina, ou mesmo como estudantes nos cursos de licenciatura em Matemática (Cavalari, 2007), pois “as ciências exatas historicamente se constituíram

enquanto campo de saberes povoados, majoritariamente, por homens. Nesse sentido o seu ensino e posteriormente a aprendizagem estiveram socialmente e culturalmente atreladas a essa dinâmica” (Brito; Moura, 2024b, p. 1).

Portanto, quando pensamos nas relações de gêneros e sexualidades e no ensino de matemática, inicialmente, dialogamos com a ideia crítica de que há uma construção normativa social de que meninas, por vezes, são excluídas e vistas como pessoas que possuem um saber inferior ou reduzido sobre a matemática, enquanto há uma exaltação masculina (Brito; Moura, 2024b; Santos; Cardoso, 2016). Ao ampliarmos essa discussão à população LGBTQIAPN², esses processos se intensificam, como Guse e Esquincalha (2022, p. 961) afirmam:

...muitos estudiosos passaram a investigar questões associadas a marcadores sociais de diferença como raça, gênero, classe, dentre outros, evidenciando, em seus resultados, como o ensino e a aprendizagem de Matemática (re)produz [sic] normas sociais que servem para sustentar estruturas opressoras.

A pesquisa de Marquesin e Nacarato (2019, p. 15) corrobora nosso argumento, pois as autoras analisam narrativas autobiográficas de professoras que ensinam matemática e observam o modo como elas percebem os processos de ensino e aprendizagem nessa disciplina:

A natureza da matemática e a contextualização das imagens apresentadas pelas alunas do curso de Pedagogia podem ser destacadas em alguns excertos de narrativas que demonstram a concepção ingênua das alunas e futuras professoras em relação à prática educativa. Em muitas narrativas há o fortalecimento do discurso de que sucesso em matemática escolar é futuro garantido, e a matemática é para poucos, os inteligentes.

As narrativas da referida pesquisa apontam novamente para a disciplina Matemática como um campo histórico, formal, bem-sucedido, que pode e deve ser – e é – acessado por poucas pessoas, apenas as mais “inteligentes” (O que seria essa inteligência? Quem poderia acessá-la?). Isso reforça a ideia de um campo de saber estritamente hierarquizante, normatizador e reproduzidor de normativas sociais. Entretanto, o que também fica evidente é o modo como o narrar possibilitou a essas futuras professoras ressignificarem esses mesmos movimentos que elas denunciam.

Nesse sentido, pesquisas como as de Marquesin e Nacarato (2019), Nacarato (2010) e Moura e Nacarato (2019) apostam nas narrativas como dispositivos potentes para a ressignificação, a (re)construção e a (re)configuração de professores(as) que ensinam ou ensinarão matemática. Essa ferramenta permite análises e modificações de sentidos que produzem na Educação Matemática e aqueles que atribuem a ela.

Logo, optamos pelo uso dos memoriais de formação de estudantes de Pedagogia de uma universidade do Nordeste brasileiro, que revelam elementos analíticos acerca das relações de gêneros e

² Múltiplas formas são possíveis de escrever e anunciar a sigla da comunidade, entretanto, optamos por esta, que representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans*, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binárias e outras identidades de gêneros e sexualidades.

sexualidades com o campo da Educação Matemática para problematizarmos esses processos por intermédio do devir narrativo, constituído pelos sujeitos/as que escrevem e narram a si e, conseqüentemente, relatam sobre a sociedade. As narrativas que apresentaremos a seguir podem, em certa medida, trazer elementos que nos permitam entender o modo – e indagar sobre ele – como essa relação entre a matemática e as questões de gêneros e sexualidades possui nuances históricas e constitutivas, impactando o ensino e a aprendizagem por parte dos sujeitos que estão na educação, inclusive, possivelmente, tendo algumas origens nos cursos de formação docente das licenciaturas em Matemática bem como influências deles.

As narrativas de estudantes que ensinarão Matemática e suas trajetórias escolares em diálogo com as relações de gêneros e sexualidades

Quando a escrita dos memoriais foi proposta, não havia qualquer intenção, ou suspeita, de que alguns dos relatos poderiam conter elementos e questões que nos chamassem a atenção para as problematizações de gêneros e sexualidades. Sobre esses aspectos, argumentamos com Louro (2014, p. 29) que “as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos”. Isso feito, entendemos que as escolas, os currículos e, por conseguinte, o componente curricular de Matemática também o fazem e contemplam produções discursivas que “fabricam” esses sujeitos de gêneros e sexualidades. Em mesma medida, entendemos que tais elementos não se desassociam e fazem parte deles em todas as esferas sociais.

De igual maneira, esses lócus produzem os modos como os sujeitos se percebem, pois “[as] marcas permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos [...], mas [...] a situações do dia-a-dia, experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior” (Louro, 1999, p. 18-19). Isso decorre de elas fabricarem e reproduzirem dispositivos que normatizam, controlam, agenciam e educam os corpos, em especial os corpos dissidentes.

Nossa primeira argumentação e problematização é a de que os quatro estudantes participantes desta pesquisa são da comunidade LGBTQIAPN+. Eles e ela assumem suas identidades homossexuais e vivem seus (de)sabores de uma sociedade cis-heteronormativa que regula e quer esconder ou subalternizar corpos dissidentes que “teimam” em viver como são. Posto isso, pensamos que, por serem sujeitos dissidentes, algumas de suas narrativas contêm tais aspectos e experiências, pois, como Louro (2014) apontou, é impossível separar os sujeitos de seus gêneros e sexualidades. Isso pode ter reverberado no modo como suas narrativas foram escritas e como o espaço do memorial de formação também se tornou um espaço de desabafo e denúncia.

Para Bakhtin (2011, p. 316), “o enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado”. Outrossim, por meio deles, podemos conhecer e problematizar as histórias de

vida social que os sujeitos produzem, em nosso caso, as vivências de estudantes dissidentes e suas experiências com o ensino de matemática. Esse processo é possível, no entendimento de Bertaux (2010), por meio da potencialidade narrativa, que permite conhecer ou visibilizar histórias de vida dialogadas em determinado contexto social e cultural.

Iniciamos com a primeira narrativa, do estudante H1:

Nas aulas de matemática da 6ª até a 8ª série, o professor sempre fazia piada dos gays, e no final ele olhava para mim, e o povo da sala ria. Ele sabia que eu era gay, mas mesmo assim fazia as piadas e ninguém dizia nada (Trecho do memorial de formação do estudante H1).

O estudante relata o que explicitamente hoje entendemos como LGBTfobia. Pensamos nos espaços escolares como campos de disputas e como lócus de reprodução social, que leva muitas das construções normativas em voga, tal qual a cis-heteronormatividade. Para Louro (2018, p. 28), “a homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral”. Outrossim, a heterossexualidade é apontada como a normatividade padrão e aceitável, tal como a do professor citado pelo estudante H1, enquanto sua simples existência ameaça, de algum modo, essa normatividade. Posto isso, o professor provocava LGBTfobia por meio dessa construção social, associando a homossexualidade a algo ruim. Essa postura tem um forte efeito na constituição dos sujeitos e na reprodução de estigmas relacionados com o campo da Matemática, como o próprio estudante afirma mais adiante.

O trabalho de Paionk e Oliveira (2024, p. 19) com estudantes da licenciatura em Matemática evidenciou

que muitos docentes utilizam discursos machistas para “facilitar” o entendimento de determinados conteúdos, visto que as disparidades de gênero estão naturalizadas em nossa sociedade. Não obstante, destaca-se que esses discursos são reproduzidos, em diversas vezes, de modo inconsciente.

Esse processo pode reverberar, portanto, no ensino do componente curricular na educação básica, apenas ressoando de maneira estrutural na forma como os conteúdos e as relações de gêneros e sexualidades são tratados por docentes que ensinam matemática:

Isso foi me afastando da matemática, foi ficando com as dificuldades, até que na 7ª série eu quase reprovei. Tive que pegar aulas de reforço para poder fazer a prova de recuperação. Passei, mas mesmo assim, eu não gosto de matemática e, aqui escrevendo este memorial, acho que tem a ver com as piadas sobre gay que os professores faziam e me olhavam. Era constrangedor (Trecho do memorial de formação do estudante H1).

A narrativa indica que, somente a partir do ato de escrita de seu memorial, o estudante conseguiu significar sua aversão ao componente curricular Matemática como algo associado à constante homofobia sofrida no espaço escolar. Como Louro (2014, p. 64) denuncia que, “através de muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas [...]. A escola

é parte importante desse processo” que (re)produz violências, LGBTfobia, ações subalternizantes e excludentes.

Outro elemento que talvez contribua para isso é o fato de a formação dos cursos de licenciatura em Matemática ser voltada e constituída historicamente para os homens, um espaço que eles dominam e em que parecem ser os únicos capazes de estar, segregando e excluindo corpos dissidentes e mulheres, o que talvez gere uma formação mais excludente e produtora de cis-heteronormatividade. Batista, Santos e Melo (2024, p. 5) denunciam que tal processo “afastou as mulheres das ciências, especialmente as consideradas ‘ciências duras’, fazendo-as acreditar que não tinham condições de adentrar nessa área de conhecimento”, provocando, por exemplo, o pensamento de que é verdadeiro e legítimo que apenas homens cursem Licenciatura em Matemática, pois é um curso considerado masculinizado.

Devemos ainda analisar o modo como o ato da escrita de si proporcionou ao estudante uma reflexão sobre si e uma significação do componente curricular Matemática e de sua relação com as sexualidades. Isso porque “o memorial não é somente uma crítica que forçosamente avalia as ações, idéias [*sic*], impressões e conhecimentos do sujeito narrador; é também autocrítico da ação daquele que narra, seja como autor do texto ou como sujeito da lembrança” (Prado; Soligo, 2007, p. 50).

Passamos agora para a narrativa do estudante H2:

Eu sempre fui muito bom em matemática. Sempre tirava 9 ou 10 até a 4ª série. Como eu tenho esse meu jeito delicado, eu fazia de tudo para ninguém notar, então eu não saía da cadeira para nada e falava pouco na sala. Porque sempre que andava ou falava, tinha um menino lá para me imitar, fazendo deboche. E os professores não diziam nada. Na aula de matemática a professora, da 5ª série pra frente, sempre pedia para gente ir ao quadro responder as atividades, mas eu não ia mais, porque sempre que eu ia, acontecia isso que narrei acima. Passei a dizer que não tinha feito a tarefa ou que não sabia (Trecho do memorial de formação do estudante H2).

A narrativa indica o modo como o efeito da LGBTfobia age diretamente na aprendizagem, tal qual vimos na narrativa do estudante H1, que chegou a ser reprovado e a precisar de aulas de reforço. H2, mesmo sendo excelente em matemática, começou a não mais participar das aulas para evitar sofrer os efeitos do preconceito associado a seus trejeitos afeminados. O espaço escolar, muitas vezes, é um campo de reprodução dessas normatividades, por meio de ações de estudantes, de docentes e de toda a equipe escolar, ocasionando marcas profundas. Estas são rememoradas e notadamente afetam os(as) narradores(as), como o estudante H3 sugere:

Engraçado é que eu não entendia por que as pessoas na sala faziam aquilo. Parecia que eu era um ET. Mas na hora que queriam meu caderno de matemática o povo mudava, porque sempre eu tinha ele todo respondido e valia nota. Passei a fazer chantagem e só emprestar pra quem parasse. Às vezes dava certo, outras vezes não. Mas era como se fosse uma arma, sabe? (Trecho do memorial de formação do estudante H3).

A pesquisa de Guse, Esquincalha e Moura (2021) apresenta algo semelhante. O entrevistado também era ótimo em matemática, porém sofria com os efeitos da LGBTfobia e utilizava seu

potencial nessa disciplina para se proteger, assim como o estudante H3. Vejamos o depoimento que consta no texto dos pesquisadores: “como eu sempre tive essa proximidade com Matemática, essa facilidade com números, eu tinha um poder quando eu era colocado contra a parede ou quando eu era intimidado pelos colegas da sala” (Guse; Esquincalha; Moura, 2021, p. 227).

Entretanto, o que fica evidente é o modo como essas relações de gêneros e sexualidades reverberam na aprendizagem e na própria qualidade de vida no espaço escolar, vivenciada por pessoas dissidentes e LGBTQIAPN+, provocando diminuições de notas, medo, reprovação, constrangimentos, repulsas e outros efeitos. H3 mostra um posicionamento similar ao dos dois estudantes anteriores:

Eu gostava de matemática até a 3ª ou 4ª série, mas depois fui me afastando, porque sempre que eu dava a resposta ou dizia algo, os colegas de sala faziam piada do jeito que eu falava e isso me incomodava, mas os professores não diziam nada (Trecho do memorial de formação do estudante H3).

Mesmo gostando da disciplina, ele sofria os efeitos da LGBTfobia. Quantas pessoas e sujeitos dissidentes não deixaram de demonstrar seu potencial, ou até mesmo escolher cursos das áreas de Exatas, por conta desses processos de violência que reverberam até a vida adulta?! Isso é no mínimo revoltante e decepcionante para a comunidade de educadores(as) e pesquisadores(as) matemáticos(as).

O que podemos inferir de diferente nessa narrativa é que esses processos não se limitam somente aos(as) docentes das licenciaturas em Matemática, mas também envolvem os(as) da Pedagogia, já que a narrativa do estudante H3 se refere a seus anos iniciais do Ensino Fundamental. O trabalho de Rizza, Ribeiro e Mota (2016, p. 217) aponta que, em relação às disciplinas obrigatórias e optativas que discutem sobre gêneros e sexualidades nas universidades públicas brasileiras, “das 384 disciplinas ofertadas, 325 são optativas, o equivalente a 85%, e somente 58 são obrigatórias, cerca de 15%”.

Inferimos que as licenciaturas, na maioria das vezes, não levam essas discussões para seus currículos, o que pode ocasionar a falta desse debate e a propagação e (re)produção desses processos excludentes cisnormativos, denunciados pelas narrativas dos estudantes. Paionk e Oliveira (2024, p. 4) discorrem sobre os cursos de Matemática, sublinhando “o falso reconhecimento das discussões de gênero nos cursos, pois não há disciplinas que enfocam a discussão da temática”.

Este excerto da narrativa da estudante M só reforça as demais:

Eu passei a odiar a matemática quando um professor de matemática do Ensino Médio disse, mais de uma vez, que a mulher só era sapatona porque nunca tinha encontrado um homem de verdade. Pior que eu e minha namorada estudávamos na mesma sala, mas a gente não era assumida, mas o povo fazia gracinha do nosso jeito, mais de mim, porque sou assim... Isso me deixava %\$**#&# [ela pronunciou um xingamento]. Por que o cara fazia aquilo? Parecia que era para a gente (Trecho do memorial de formação da estudante M).

A narrativa também reforça o modo como os(as) docentes de Matemática parecem trazer sempre à tona processos associados à LGBTfobia por meio de falas homofóbicas e misóginas, que parecem ser direcionadas diretamente para os(as) estudantes LGBTQIAPN+. É possível destacar que a maioria dos professores citados nos memoriais são homens, que, para nós, historicamente se posicionam em uma hierarquia de poder, em detrimento dos demais gêneros; isso reverbera e se intensifica no campo das Ciências Exatas, em especial a Matemática. Esta última é entendida como um campo masculino; assim, somente os homens têm domínio e capacidade para estudá-la e ministrá-la – uma “cultura enraizada de acreditar que a Matemática não é para o sexo feminino acarretou pensamentos e ideias de inaptidão, inclusive por parte das próprias mulheres, sendo um dos desafios a serem enfrentados na docência” (Batista; Santos; Melo, 2024, p. 6).

Esse processo, associado à falta das disciplinas e das temáticas de gêneros e sexualidades nos currículos das licenciaturas, em especial de Matemática, gera uma propagação e aumento da (re)produção da cis-heteronormatividade nesses currículos, pois aponta para a falta de interesse em discutir “sobre a temática de gênero, justificando que esse assunto deveria ficar destinado aos estudos da biologia pois, para os matemáticos, as provas de teoremas ocupam maior atenção” (Paionk; Oliveira, 2024, p. 11). Mais uma vez concordamos com o que Louro (2018) reafirma: a educação é um desses espaços de reprodução das normativas, no qual, pensando “as discussões de gêneros e sexualidades, esse processo é ainda mais violento, ao passo que são organizadas práticas naturais de exclusão e violação dos direitos, e são colocadas como corretas e adequadas” (Brito; Zaparoli, 2024, p. 1240).

Também podemos inferir que “escolas, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história” (Louro, 2018, p. 27), de maneira que as narrativas demonstram que, mesmo não sendo objeto do currículo, essas temáticas emergem no espaço escolar, apesar de se darem em um viés preconceituoso. Isso demonstra o modo como tais assuntos estão inerentes à existência humana e, em mesma medida, como esses processos podem ser visibilizados e problematizados mediante as narrativas escritas nos memoriais dos(as) estudantes, que, anos após sofrerem com todos esses processos, realizam uma denúncia e podem, de alguma forma, afetar outras pessoas e escritas – o que, de certo modo, pode reverberar na maneira como esses cursos e formações são produzidos. Vejamos o que narra a estudante M sobre o ato de escrever seu memorial:

Escrever este memorial não foi muito bom, mas ao mesmo tempo foi bom. Assim, não foi bom porque lembrei de coisas que já tinha esquecido, um pouco. Mas foi bom porque me fez perceber o quanto atitudes preconceituosas podem impactar nas pessoas, até mesmo fazer um estudante ter repulsa de uma disciplina, como eu tive da matemática em todo o meu Ensino Médio (Trecho do memorial de formação da estudante M).

A estudante aponta o modo como o processo narrativo a ajudou a significar e entender a forma como essas situações de violência no espaço escolar a fizeram desenvolver um “ódio” pela disciplina.

Os outros alunos também afirmaram isso e indicaram de que maneira isso reverberou na constituição dela e deles nesse campo, gerando uma visão de repulsa e rancor pelo componente curricular.

As narrativas trouxeram em seu cerne os processos de violência que eles e ela sofreram na educação básica, em princípio nas aulas de matemática. Mas, como bem nos alerta Bakhtin (2011), esses discursos foram produzidos em determinado *lócus*, no caso, no âmbito da disciplina Fundamentos e Metodologia de Ensino de Matemática, com o intuito de associar as trajetórias desses estudantes com esse campo. Portanto, isso não significa que eles vivenciaram esses processos apenas em tal disciplina, mas que, a partir de suas narrativas, podemos inferir que sim, esse campo ainda se estabelece em um *status quo* de normatividade e construção de binariedades e cis-heteronormatividades.

Desse modo, percebemos a maneira como a escrita dos memoriais possibilitou conhecer e problematizar as relações singular-plurais que o campo da Matemática teve na trajetória de vida escolar de cada um dos estudantes, pois “todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma práxis humana” (Ferrarotti, 2010, p. 41), possibilitando que, mediante esse ato, os sujeitos reconfigurem suas formas e pensamentos acerca das experiências narradas, permitindo novas e outras percepções. Segundo Bakhtin (2011, p. 320), “o enunciado não está ligado apenas aos elos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem [...] elabora-se em função de uma eventual resposta”. Com efeito, essas narrativas – que se inter cruzam e se diferem em dados momentos – são produzidas a partir dessa partilha social.

Outro entendimento é de que essas assimetrias de gêneros nos espaços da Educação Matemática reverberam em todas as etapas de ensino, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Superior, como algumas das narrativas sinalizaram. Como argumentamos, tais efeitos podem ser decorrentes da maneira como os cursos de licenciatura discutem ou não tais temáticas, seja pela presença ou ausência das disciplinas, seja pelos modos como tais assuntos são abordados.

Os estudantes se perceberam na educação básica como um “não ser”, no qual seus desejos expressos em palavras e gestos demonstram a intenção de não serem expulsos de algum lugar. Ou seja, eles não se sentiam acolhidos nesses espaços, demonstrando serem não apenas excluídos, mas subalternizados por meio de violência, LGBTfobia expressa verbalmente e desfaçadas brincadeiras, seja de docentes, seja de colegas estudantes. As narrativas expressam o modo como o sentimento constante de inadequação crescia à medida que avançavam nos anos escolares.

Podemos inferir, como já fora realizado por Moura (2023b), que, a partir das narrativas da/dos estudantes, há insultos disfarçados de piadas ou de “opiniões”, deixando claro o sentimento de que ser diferente não é bom. Sullivan (1996) aponta que as pessoas LGBTQIAPN+ se veem, desde cedo,

imersas em uma *pedagogia do insulto*, permeada por piadas, brincadeiras, apelidos, insinuações, entre outros dispositivos que buscam calá-las, excluí-las e, ainda, aprisioná-las no armário.

Em virtude disso, é também importante realçar o modo como as identidades de gêneros e sexualidades dos estudantes demarcam uma posição de quem narra e enuncia suas trajetórias. Devido a suas vivências e constituições, os efeitos e normatizações desses marcadores parecem afetar mais intensamente suas existências, a tal ponto que emergem nas narrativas escritas em seus memoriais. Em rigor, é necessário haver esse elemento de quem é o(a) enunciador(a) desse discurso para que se entenda como tal é ou foi produzido. Pensando junto com Bakhtin (2011, p. 348), “qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa nova que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante)”. Desse modo, o sujeito porta consigo, ao enunciar os discursos, modos e representações de sua cultura, que são constituídos previamente, já que “o enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles...” (Bakhtin, 2011, p. 316).

Também são notados os efeitos desses preconceitos na aprendizagem matemática desses estudantes. Alguns deles eram reprovados e tiravam notas baixas – começaram, então, a odiar a disciplina, sendo que, anteriormente, gostavam dela e eram excelentes estudantes. Notamos o modo como a LGBTfobia age sobre esses corpos dissidentes, gerando e provocando efeitos extensos e prolongados em suas vidas, que ainda são expressos em suas narrativas já no Ensino Superior, na condição de estudantes docentes.

Um último ponto a destacarmos é o modo como a expressão de gêneros e/ou sexualidades diz muito sobre as narrativas, pois a forma como os estudantes foram afetados faz parte de sua constituição, e seus escritos são “contaminados” por suas existências, pois o ato de narrar é intrínseco e potente, as subjetividades que os formam e tais narrativas tornam-se dispositivos para apresentar e problematizar esses processos, pois, “mesmo não tendo diretamente disciplinas ou discussões nos currículos sobre tais temáticas, elas acabam transgredindo e adentrando por meio das experiências evocadas” (Brito; Moura, 2024a, p. 286) pelos sujeitos. Por isso, Moura (2023a, p. 315) já nos alerta para o fato de que temos uma longa trajetória de trabalho pela frente:

ainda há de fazer/falar/narrar/investigar sobre gêneros, sexualidades entrelaçando a formação de docentes em nosso país. Todo processo da formação docente e suas relações com os estudos de gêneros e sexualidades podem desvelar potencialidades, limitações, desafios, resistências, configurações, propostas e diálogos.

Neste artigo, mostramos que as narrativas revelaram, por um lado, as inseguranças dos estudantes, seus medos e desgostos, os momentos de descréditos e, por outro, as alegrias, a segurança, os momentos de reconhecimento, ou seja, suas emoções em relação a suas experiências com a matemática escolar durante a estada na educação básica.

Para não finalizar

O objetivo deste texto foi problematizar o processo escolar de invisibilização causado pela cis-heteronormatividade em corpos dissidentes e o modo como ele pode comprometer a aprendizagem em matemática e impactar a formação de futuros(as) docentes que a ensinarão. As narrativas apontaram para esses processos, diante dos quais os estudantes desenvolveram uma aversão pelo componente curricular Matemática bem como começaram a ter problemas de aprendizagem, o que gerou reprovações, necessidade de acompanhamento extracurricular e uma visão sobre o ensino da matemática, pautado em experiências de violência e LGBTfobia.

Em relação a isso, a escrita de si, por meio dos memoriais de formação, possibilitou aos estudantes ressignificarem seus próprios processos constitutivos de gêneros e sexualidades e perceberem elementos que indicam o modo como o ensino de matemática se tornou essa “monstruosidade” em suas vidas. Porém, o que também as narrativas possibilitam é a desinvisibilização a partir da problematização do preconceito e da LGBTfobia sofrida por eles.

Apesar de a narrativa não conseguir reconstruir o passado no sentido literal, ela permite uma (re)construção simbólica, que proporciona, às vezes, um acerto consigo mesmo(a) e uma resolução que pode proporcionar novos e outros modos de lidar com o mundo e com as questões narradas. Nesse caso, as relações com o componente curricular Matemática são relevantes, tendo em vista que os estudantes serão professores que a ensinarão e, portanto, poderão criar, produzir, ressignificar outras práticas para esse ensino, por meio das próprias explicitações de suas trajetórias de vida.

Outro ponto que destacamos é o modo como o comportamento de docentes em sala de aula pode impactar a vida de estudantes. Muito se fala sobre o desinteresse de adolescentes pelos estudos, muito se fala sobre a conscientização da sociedade dos impactos de nossas ações e falas discriminatórias para com a sociedade LGBTQIA+, mas pouco se discute sobre a maneira como essa discriminação aparece em sala de aula e como isso causa o desinteresse de estudantes adolescentes pela matemática. O artigo lança luz a essa temática, alertando para a necessidade de reconhecermos esse problema e seu impacto na aprendizagem dos(as) estudantes. Entendemos que esse movimento é muito importante na comunidade de matemática.

Pelo exposto, este trabalho não se finda, mas estabelece um ponto contínuo, de maneira que a sua escrita sensibilize docentes, desde a formação acadêmica, para um exercício de uma docência mais empática capaz de enxergar todos(as) os(as) estudantes na sala de aula para oferecer um ambiente acolhedor, respeitoso e democrático para o ensino e a aprendizagem, levando em consideração as diferenças, as pluralidades e as existências dissidentes de gêneros e sexualidades e todas as outras formas de ser e existir no mundo e na cultura.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, Maria Aparecida Freire; SANTOS, Ana Naiara Sousa dos; MELO, Carlos Ian Bezerra de. Questões de gênero na Matemática: desafios enfrentados sob a ótica de formadoras de uma licenciatura. **Revista Cearense de Educação Matemática**, [S. l.], v. 3, n. 7, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/rceem/article/view/4102> Acesso em: 12 abr. 2025.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN, 2010.
- BOLÍVAR, Antonio Botia; DOMINGO, Jesús Segovia. **La investigación (auto)biográfica en educación**. Barcelona: Octaedro, 2019.
- BOLÍVAR, Antonio Botia; DOMINGO, Jesús Segovia; FERNÁNDEZ, Manuel Cruz. **La investigación biográfica-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralia, 2001.
- BRITO, John Jamerson da Silva; MOURA, Jônata Ferreira de. O currículo de pedagogia em narrativas (auto)biográficas de docentes gays. In: MORAIS, Joelson de Sousa; BRITO, Antonia Edna; SOARES, Francisco Marcos Pereira (org.). **Escritas autobiográficas sobre ensino, pesquisa e formação de professores(as)**. Curitiba: Bagai, 2024a. p. 275-288.
- BRITO, John Jamerson da Silva; MOURA, Jônata Ferreira de. A percepção de um docente dos anos iniciais sobre as relações de gêneros em aulas de matemática. In: ESCOLA DE ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 1., 2024, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2024b. p. 1-9. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/e2gsem/859925-a-percepcao-de-um-docente-dos-anos-iniciais-sobre-as-relacoes-de-generos-em-aulas-de-matematica> Acesso em: 29 mar. 2025.
- BRITO, John Jamerson da Silva; ZAPAROLI, Witembergue Gomes. Narrativas de docentes LGBTIA+: currículos e práticas pedagógicas em gêneros e sexualidades. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 1231-1245, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/16755> Acesso em: 12 abr. 2025.
- CAVALARI, Mariana Feiteiro. **A matemática é feminina?** Um estudo histórico da presença da mulher em institutos de pesquisa em matemática do estado de São Paulo. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/f3196402-ae2c-4d6e-b1ad-471cd2f3b291> Acesso em: 29 mar. 2025.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/?lang=pt> Acesso em: 29 mar. 2025.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf> Acesso em: 12 abr. 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras fazer indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luís Passeggi. 2. ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014.

ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (org.). **Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática**: tensionamentos e possibilidades. Brasília: SBEM Nacional, 2022.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por uma Educação Matemática desviante das (cis-hetero) normas: o que dizem as pesquisas envolvendo pessoas LGBTQI+? **Bolema**, Rio Claro, v. 36, n. 74, p. 944-970, set. 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bolema/a/gpNsVNbCWFB9R5JWMMVHsvG/?lang=pt> Acesso em: 29 mar. 2025.

GUSE, Hygor Batista; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição; MOURA, Jónata Ferreira de. Que relações podem ser estabelecidas entre Matemática e pessoas LGBTQI+? Narrativas de um professor desviante das cis-heteronormas que ensina Matemática. In: SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; SALES, Tatiane da Silva (org.). **Gêneros e Sexualidades**: tensões e desafios na Educação. São Luís: EDUFMA, 2021. p. 223-246. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/generos-e-sexualidades-tensoes-e-desafios-na-educacao/> Acesso em: 29 jan. 2025.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 90-113.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; NACARATO, Adair Mendes. Cenas de práticas de ensino de matemática em narrativas de futuras professoras. **Educação**, [S. l.], v. 44, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34090> Acesso em: 29 mar. 2025.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2017.

MOURA, Jónata Ferreira de. Gêneros e sexualidades na formação de docentes que ensinam matemática escolar: desinvisibilizar os sujeitos e a temática no ambiente escolar. In: SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da; MOURA, Jónata Ferreira de (org.). **Corpos, gêneros e sexualidades nas ciências humanas e sociais**. São Luís: EDUFMA, 2023a. p. 300-319. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/corpos-generos-e-sexualidades-nas-ciencias-humanas-e-sociais/> Acesso em: 4 jan. 2025.

MOURA, Jónata Ferreira de. As potencialidades da abordagem (auto)biográfica e os desafios em sua validação teórico-metodológica. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, v. 9, n. 2, p. 01-25, 2023b. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/20821> Acesso em: 4 jan. 2025.

MOURA, Jónata Ferreira de; NACARATO, Adair Mendes. Narrativas revelando projetos de si na trajetória de formação docente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 4, n. 12, p. 1125-1140, 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6019> Acesso em: 29 mar. 2025.

NACARATO, Adair Mendes. A formação matemática das professoras das séries iniciais e a escrita de si como prática de formação. **Bolema**, Rio Claro, v. 23, n. 37, p. 905-930, dez. 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/4298> Acesso em: 29 mar. 2025.

PAIONK, Caroline; OLIVEIRA, Adamo Duarte de. Gênero e formação de professores e professoras: uma análise do curso de licenciatura em Matemática da UFMS, campus de Ponta Porã. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 17, n. 47, p. 1-23, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/21134> Acesso em: 12 abr. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Práx. Educ.**, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-26792021000100093&script=sci_abstract Acesso em: 10 set. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO, Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata Alonso. Disciplinas que discutem sexualidade nos currículos do Ensino Superior brasileiro: produzindo um diagnóstico da situação atual. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 197-224, 2016. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817342016197> Acesso em: 12 abr. 2025.

SANTANA, Ana Paula; SANTOS, Karoline Pimentel dos. A perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 174-190, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/99qXsdGWrbQ455rgZmjvtNt/?lang=pt> Acesso em: 13 ago. 2024.

SANTOS, Jailma dos; CARDOSO, Livia de Rezende. Relações de gênero em um currículo de matemática nos anos iniciais: produzindo sujeitos, demandas e desigualdades. In: ENNES, Marcelo Alario (org.). **Diálogos: processos identitários, meio ambiente, patrimônio e movimentos sociais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016. p. 17-38.

SILVA, Glauber Carvalho da; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática no Brasil: indícios da consolidação de um campo. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 645-665, 2025. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/18161> Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Glauber Carvalho da; TAVEIRA, Flavio Augusto Leite; ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição. Por um alargamento da compreensão de Educação Matemática Inclusiva: gêneros e sexualidades na ordem do dia. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 17, n. 47, p. 1-28, 1 nov. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/21204> Acesso em: 29 mar. 2025.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685> Acesso em: 29 mar. 2025.